

## **Malba Tahan – um precursor**

Sergio Lorenzato, 2004

“Em 1989, 30 anos depois, nos EUA, essas recomendações são lançadas oficialmente aos professores; no Brasil, 8 anos mais tarde, os nossos PCNs vêm a contemplá-las. Enfim, Malba Tahan distingue-se, em suas concepções, por sua atualidade, onde nela entrevemos o arauto, o portador de uma nova mensagem”.

.....

## **Malba Tahan – um precursor**

Prof. Dr. Sergio Lorenzato

Artigo publicado na Revista Educação Matemática, da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, SBEM, maio, 2004.

À história da Educação Matemática brasileira, especialmente, cabe restituir, para a memória da Educação Nacional, todo elemento que, por suas provisões de valor e fundamento, se revista de significado. Esta é, sem qualquer dúvida, a situação da figura e da obra de Malba Tahan.

Em geral conhecido como literato e ficcionista, de cujas mãos saíram inúmeras obras, na forma de contos e romances, dominados pelo sabor de exotismo do mundo árabe-beduíno, Malba Tahan, de outro lado, não deixa de ser reconhecido, em razão de uma série de livros e cursos, como de grande interesse para a Educação Matemática. E, no entanto, a falta de registro e de história, não poucas vezes, sombreiam, forçando ao esquecimento, o valor de sua obra e figura humana.

Nascido em 6 de Maio de 1895, no Rio de Janeiro, e criado em Queluz, interior de São Paulo, Malba Tahan, ou melhor, Júlio César de Mello e Souza era filho de professores; teve 8 irmãos e infância pobre. Criança ainda, já redigia com facilidade; no curso colegial, com o que arrecadava com a venda de suas redações comprava chocolate, que distribuía aos colegas. Fundou, ainda no colegial, o “Erre”, seu próprio jornal, manuscrito, tiragem limitada a um único exemplar.

Formado professor de 1º grau, lecionou desde os 18 anos, passando por escolas particulares, oficiais e profissionais; também ensinou para delinqüentes. Preferiu, não obstante o desejo do pai pela carreira militar, seguir a engenharia; aí obteve a oportunidade de chegar ao magistério universitário, tendo sido professor catedrático e emérito. Coursou também a escola de Dramaturgia, tendo sido colega de turma de Procópio Ferreira.

Na carreira literária enfrentou, de início, dificuldades para a publicação de seus contos. Em 1918, desejando publicá-los em jornal carioca, só chegou a fazê-lo mediante a reapresentação deles sob o pseudônimo inglês Slady. Em 1925, a mesma dificuldade leva-o, auxiliado pela inspiração de Irineu Marinho, à criação daquele que virá a ser um dos mais famosos nomes da literatura nacional – Malba Tahan –, para o qual forja uma não menos famosa biografia.

A verdade sobre os pseudônimos, bem como sobre a identidade do tradutor de seus contos – o também fictício Breno de Alencar Bianco –, é revelada apenas em 1933, um ano após a publicação daquela que é, com certeza, a mais conhecida de suas obras, “O Homem que calculava”. Em 1952, o nome de Malba Tahan é anexado, oficialmente, ao de seu criador, que, apesar do profundo conhecimento sobre o Oriente, não viajou para além da Argentina e Portugal.

Casou-se com uma de suas ex-alunas, e teve 3 filhos. Gostava de ler histórias policiais e de contar histórias; divertia-se com o jogo de “brigde” e do bicho. Fazia a barba e cortava os cabelos diariamente. E dispunha sempre de tempo para auxiliar as vítimas de hanseníase, a ponto de sua esposa dizer que ele conhecia mais doentes desses que gente sadia.

Não raro, às 4 horas da madrugada, punha-se a andar pela casa, descalço, à procura ou à espera de inspiração. Sua mesa de trabalho era tomada por dicionários, cartas livros, artigos ou capítulos incompletos e papéis em branco. Muitas vezes, dormia junto ao livro ou enciclopédia que estava lendo.

Sua produção foi intensa, e em seus 50 anos de atividade literária publicou 120 livros, dos quais 51 referentes à Matemática. Dentre as obras de ficção, a maioria é romance, sendo o seu preferido “A Sombra do Arco-Íris”. O maior sucesso de vendas, sem dúvida, continua com “O Homem que calculava”, atualmente com tradução para espanhol, inglês, alemão, italiano e esloveno. Ao longo de sua vida, extremamente ativa, ministrou cursos e realizou muitas conferências, no Brasil e no exterior.

O professor Júlio César Malba Tahan de Mello e Souza faleceu em 18 de Junho de 1974, em Recife, após uma conferência sobre a arte de contar histórias. A notícia de sua morte, pelos jornais, foi acompanhada da publicação de uma nota de sua autoria, redigida anos antes: “Malba Tahan morreu e pede a todos perdão pelas faltas, erros, ingratidões e injustiças. Pede, também, que rezem por ele.”

Dos cursos e conferências ministrados, das suas obras e atitudes, muito de relevante se pode extrair a fim de verificar o seu pensamento e concepções sobre o ensino, a Didática e a Matemática, além de, também, concepções de ordem ético-moral.

Como resultado, fica evidente que a concepção do ensino da Matemática que Malba Tahan detinha é muito diversa daquela que habitualmente muitos de nós recebemos nas escolas e, sobretudo, daquele que caracterizou sua própria época. Com bastante segurança, em relação ao ensino da Matemática de seu tempo, pode-se afirmar que a Geometria não mais era senão um amontoado de demonstrações e de inúteis medições, a Álgebra se confundia com algebrismo e a Aritmética se resumia-se a imensos cálculos numéricos, não se falando, enfim, em ensino da Matemática. Em suma, eram arcaicos e inflexíveis tanto os programas de Matemática quanto a sua metodologia de ensino, inexistindo qualquer possibilidade para críticas e mudanças.

É em contraste a esse cenário que cresce a figura de Malba Tahan. Engenheiro, editor, escritor, conferencista, sábio e educador, excepcional professor de

Matemática, caberia a ele, ainda, ser reconhecido em suas características de arauto e herege.

Já há 50 anos, em seu livro “Didática da Matemática”, o professor Júlio César Malba Tahan recomendava: o jogo como situação de aprendizagem; a montagem do Laboratório de Ensino da Matemática, fornecendo mais de 70 sugestões de materiais didáticos; a utilização de paradoxos, falácias e recreações nas salas de aula, com apresentação de problemas interessantes, a narração de histórias e a integração da língua materna com a linguagem matemática.

Semelhantemente, no 1º volume, à página 248, uma outra série de sugestões era fornecida, incluindo a adoção de atitudes e situações capazes de levar o aluno ao redescobrimto (redescoberta) da Matemática, a concepção do erro como útil à construção do conhecimento e a necessidade do processo reflexivo (para quem, o que, para que e como ensinar a Matemática).

Em todas essas sugestões e recomendações é visível para nós, hoje, a dimensão de atualidade das concepções de Malba Tahan. Atualidade reencontrada no teor das recomendações de 1958, quando propunha que, no ensino fundamental, se introduzissem noções de probabilidade, topologia, estatística e cálculo estimativo, bem como o uso da máquina de calcular. Em 1989, 30 anos depois, nos EUA, essas recomendações são lançadas oficialmente aos professores; no Brasil, 8 anos mais tarde, os nossos PCNs vêm a contemplá-las. Enfim, Malba Tahan distingue-se, em suas concepções, por sua atualidade, onde nela entrevemos o arauto, o portador de uma nova mensagem.

Ao mesmo tempo, contudo, com suas idéias, ele também estabelecia a crítica de muitas das noções dominantes em sua época, referentes ao ensino da Matemática; e, muitas vezes, contrariava-as com veemência. Esse é bem o caso daquilo que ele denominava de “o inútil da Matemática, as “noções parasitárias”, assuntos, não poucos, que não mereceriam ocupar espaço nos programas:

- contas com números astronômicos (em caravanas)
- divisibilidade por 7, 13, 17, 19, 23, 91...
- prova dos nove
- expressões aritméticas
- raiz cúbica
- demonstrações complicadas

Herege, em suas críticas, Malba Tahan ganha atualidade e mais uma vez profetiza: “atualmente, estes tópicos não estão mais em nossos programas”. Cáustico e incisivo também nas mesmas críticas; e uma pequena consideração dos epítetos com que designava, por vezes com ferocidade e ironia, muitos exercícios, então, em voga, serve-nos para ver o que exemplificava como anti-matemática:

- “Uma enormidade (isto não tem cabimento): quantos radianos vale um ângulo 4 vezes maior que 12 grados e 30 centígrados?”
- “Uma excrescência inútil: o hectômetro.”

- “Uma imbecilidade (só um paranóico pediria manteiga assim): dona Rosinha comprou 5 milésimos de tonelada de manteiga a 6 cruzeiros cada hectograma. Quanto gastou?”
- “Uma monstruosidade: achar todos os divisores de 18.254 que são quadrados perfeitos.”
- “Uma baboseira numérica: quantos algarismos empreguei para escrever todos os números desde 411 até 183.944 inclusive?”
- “Um descaramento” (Instituto de Educação, RJ, 1951): de 0,080 m<sup>3</sup> de gelo retiram-se 0,76 decalitros. Quantos hectolitros sobraram?”
- “Uma besteira, uma extravagância inominável: com ladrilhos de 0,15 m devo cobrir uma superfície de uma sala retangular que mede 0,042 hm por 45 dm. Quantos ladrilhos devo comprar?”

O interesse que a obra de Malba Tahan desperta cresceu intensamente nos últimos 10 anos e pode ser constatado com facilidade pelo número de pesquisas que têm sido realizadas em diversas instituições de ensino superior, vindas a público na forma de artigos, monografias ou dissertações. A Revista Science, renomada publicação americana de circulação internacional, ocupou-se de sua vida e obra em matéria divulgada há alguns anos. Seu centenário foi motivo de destaque na revista espanhola UNO, especializada em Didática da Matemática.

Malba Tahan é considerado, ao lado de Sam Loyd, Yakov Perelman e Martin Gardner, um dos mais importantes recreacionistas e populaziradores da Matemática em todo o mundo. A respeito da obra de Malba Tahan, assim Monteiro Lobato se pronunciou: “Ela ficará a salvo da vassoura do tempo”. Contudo, é conveniente recordar o que também foi dito por ele, a respeito do próprio Malba Tahan: “Ele só necessita de um país que devidamente o admire”.